

LUDWIG FEUERBACH – CONFERE APLICÁ-LO O RÓTULO DE ATEU INVETERADO?

Arlei de Espíndola¹

Resumo:

O artigo procura destacar a necessidade de apreciar o pensamento de Ludwig Feuerbach por ele mesmo, a fim de reconhecer seu mérito e criar possibilidades de fazer uma pesagem de seu ateísmo. Embora não possa ser negado é passível de ponderação, tornando-se relativo, já que seu foco é empreender a afirmação do homem cuja dúvida de que represente algo conceitual e abstrato inicialmente, não é cogitada nem pelos jovens hegelianos. A dramaticidade que carrega priorizar o homem em detrimento de Deus, no sentido convencional, só serve para confirmar o quanto é complexa sua posição que deseja fazê-lo responsável pelas suas escolhas, mesmo sabendo que religião, fé, crença em Deus, envolve mais do que isso, ainda que o homem se torne o eixo dos enigmas e mistérios maiores nos quais, com sua concepção, é envolvido.

Palavras-chaves: Feuerbach. Religião. Ateísmo. Homem. Materialismo antropológico.

LUDWIG FEUERBACH – CAN BE CONFER TO APPLY THE LABEL OF INVETERATED ATHEIST?

318

Abstract:

This article searches emphasize the real necessity of appreciating Ludwig's Feuerbach thought from himself, with the purpose to acknowledge his deserving and create some possibilities of making a weighting from his ateism. Although can't be denied, probably can be liable to weigh, making relative, already his focus is to undertake the affirmation of the man whose doubt could represent something conceptual and abstract that on the beginning it is not considered even into the Young hegelians people. The drama that carries on put the man in the priority at the expense of god, in the conventional sense, just serves to confirm how much hard the position that wishes make responsible for your choices can be, even knowing the religion, Faith, belief in god, involved more than that, even if the man becomes axle of the own enigmas and mysteries bigger than this, in your conception, can being involved.

Keywords: Feuerbach. Religion. Ateism. Men. Materialism Antropology.

¹ Possui Graduação em Filosofia pela Univ. do Vale do Rio dos Sinos (1992), Mestre e Doutor em Filosofia pela Univ. Est. de Campinas (1999; 2005). Pós-Doutor em Fil. Pela PUC/RS (2016). Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. Possui vínculo com a pós-graduação *strictu sensu* de Filosofia da UEL. É membro do GIP-Jean-Jacques Rousseau, cadastrado no CNPq, desde 2000, e da ABES-XVIII, desde o semestre passado. E-mail: earlei@uel.br; earlei@sercomtel.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ludwig Feuerbach (1804-1872) chegou aos leitores, fora do mundo germânico, já faz um bom tempo, tendo-se o testemunho de várias realizações em torno de sua herança. Mas demora-se um pouco para encontrar o modo de se aproximar dele, extraíndo ganho de suas reflexões, cuja pertinência e êxito acabam encontrando reconhecimento. Embora se faça representativo, contando com obras, ao final, que se assentam na multiplicidade, é visto espaço para ser julgado antes, monotemático, pobre, limitado, por força de declarações como a seguinte: “Não obstante esta distinção das minhas obras, têm, todas elas, rigorosamente falando, uma única meta, um intento, um pensamento, um tema. Este tema é exatamente a religião e a teologia e tudo o que com isso se relacione” (FEUERBACH, 1989, p. 14-15).

Sabendo que o meu propósito é sugerir a ponderação de seu ateísmo, entendo que, embora não se possa negá-lo, esse é só relativo, daí importando mais a passagem acima, afinal é estranho um ateu, no sentido comum, possuir um interesse como este, e neste grau de expressividade. Apostar no anseio dele de estabelecer seu próprio pensamento, indo além de se fazer mero intermediário, e ponto de passagem, entre dois autores ilustres, é a forma como as primeiras exegeses diferenciadas – que resolveram falar da grandeza de Ludwig Feuerbach – buscaram saída para isso. Pois trabalho com a hipótese de que este mesmo empenho, grosso modo, abre espaço para realizar-se uma pesagem da natureza de seu ateísmo.

Ante a consideração do eixo central de sua principal obra, a *Essência do Cristianismo* (1841), reforçado pelo elemento que agrega na sua proposta de reforma da filosofia, atestando um passo em frente na sua pesquisa, fica-se certo de que seu alvo se volta à afirmação do homem, mas não apenas conceitual e abstratamente falando.²

Pode-se reivindicar a ponderação de seu ateísmo, em face do reconhecimento de suas possibilidades, sonhos, desejos, capazes de serem nutridos, e não só pela avaliação de seu quadro negativo, gerado pela filosofia abstrata e pela religião, nas escritas que se pretendem úteis, a fim de auxiliarem no avanço dos saberes em torno de sua obra e do sentido de fato que esta conserva. Lê-se na “introdução” de *Pensar Feuerbach*, coletânea produzida em função do Colóquio Comemorativo dos 150 anos da publicação de *A essência do Cristianismo*, acontecido, em Lisboa, no ano de 1991:

² Veja-se Serrão, A. “Da razão ao homem ou o lugar sistemático de *A essência do cristianismo*”. in. J. Barata-Moura & V. Soromenho Marques (orgs). *Pensar Feuerbach*. 1993, p.11-22.

Paixão de humanidade é, porventura, o signo sob o qual Feuerbach estabelece, formula e desenvolve o seu pensamento. Uma paixão polêmica, mas incontornável. Talvez por isso trate de esclarecer [...] que a negação de Deus a que precede é, fundamentalmente e determinadamente, uma afirmação e posição do homem na sua realidade e medida (BARATA-MOURA, 1993, p. 9).

Perde-se tempo em se afastar equívocos conceituais nas exegeses enquanto o viés original deixa de cativar pela pertinência que o acompanha. Tem nexos o problema-chave aventado por Feuerbach e que encontra saída na antropologia, ainda que apresente impasse incontornável, quando se não pondera conteúdo e preconceitos, mesmo que o homem fique próximo, assentando-se no finito, no sensível, se fazendo situado, limitado; isso é diferente do que se passa com o Deus comum, em sentido estrito, o qual é o tema no quadro da filosofia da religião. Isso já não era, todavia, para fazer de Feuerbach um filósofo execrável. Mas é recente poder assumi-lo desta forma, mesmo tendendo a receber, ainda, maior atenção.

1.

A preocupação com o baixo volume de estudos, falando de forma crítica em solo francês, conduz Henri Arvon (1957) a encontrar a raiz maior dos entraves, no começo, para não haver crédito: vê resistência do público em identificar valor teórico presente na sua escrita mesma: “munido de um princípio filosófico próprio, Feuerbach o aplica ao problema religioso” (p. 45). Sem digerir a ideia de o especulador de Landshut acabar contemplado, finalmente, enquanto “um pensador de segunda ordem” (id. p. 1), por entender que se apreende nele uma contribuição teórica inovadora, o pesquisador denuncia que é reduzido, muitas vezes, a mero ponto de passagem entre Hegel e Marx, estes consagrados autores, trazendo esta diminuição na procura, configurando, portanto, um erro, não abandonado totalmente: “Preso entre os imperialismos exclusivos e tirânicos de Hegel e Marx, ele aparece como uma simples passagem que, da coesão conservadora do primeiro, conduz à análise destrutiva do segundo” (Id., *ibid.*).

Movido, na origem daquela curiosidade, por uma vontade de outra ordem, a contemplação, do feito de Engels, é agraciada aqui com um tom pejorativo: “a versão que tem sido popularizada pela célebre exposição de Friedrich Engels, Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã” (Id., *ibid.*), é recusada no acordo expresso por ele com

sua motivação inicial.³ A retomada da atração pelo autor, contudo, se resolveria satisfatoriamente, ou haveria de nascer, segundo Arvon, numa onda capaz de vencer os modismos: “A retomada do marxismo valeu à Feuerbach um interesse renovado. Mas estudá-lo nessa perspectiva é mutilar sua obra” (Id., *ibid.*).

É digna de nota esta leitura voltada, por este comentador, a despertar o interesse no estudo do pai do “materialismo antropológico”, no mundo franco-fônico, em um momento em que estava por ser iniciada semelhante prática, ainda que pudesse valer o empenho, malgrado cause dúvidas, até hoje, mesmo estando longe de ser esgotada.

A ideia de que se fazer justo para com Feuerbach atravessa o reconhecimento de seu caráter inovador, ao fim e ao cabo, que é viabilizado desde que o libertemos da experiência de manter-se preso, sufocado, entre os vultos que citamos antes. Pela expressividade que os acompanha, é reiterada, com uma tonalidade semelhante, mas agregando ao entendimento, embora sendo escrita por Arvon, noutro texto, donde podemos ler neste sentido mais definitivo:

Se, portanto, se quer render justiça a Feuerbach, convém o liberar de tudo, ao menos, nisto que concerne certos aspectos de seu pensamento, dos liames marxistas que o sufocam a fim de lhe restituir esta relativa independência que ele está no direito de reclamar, tanto em relação a Marx, que o segue, quanto de Hegel que o precede. (ARVON, 1964, p. 19-20).

321

Enfim, pode ser colocado que:

Para que o pensamento feuerbachiano recobre seu ordenamento verdadeiro, mais que recorrer aos críticos de Marx, tratemos de acompanhá-lo nos seus esforços múltiplos em vista de assegurar à filosofia de seu tempo um ponto de partida novo (Id., *Idid.*).

Feuerbach assume a ideia, sendo filtrado agora por Henri Arvon, de causar diferença, chegando isso a ser visto ainda, aliás, por Engels, quatro décadas depois:

É em justo título que Friedrich Engels associa Ludwig Feuerbach ao fim da filosofia clássica alemã. É ele, com efeito, quem desafiou Hegel, último representante do idealismo alemão, antecipando todas as críticas ainda em

³ Essa leitura de Engels merece no texto, depois, mais alguma ponderação a esse comentário de Arvon, mesmo que o móvel nobre, projetado por este autor, tenha sido apenas parcialmente realizado. Mas o caso é que não é de todo negativo, sendo incorreto mantê-lo enquanto tal.

suspenso. A originalidade de Feuerbach reside, em primeiro lugar, na sua oposição a Hegel (Id., p. 20).⁴

2.

Assentindo com o exegeta francês, a tendência está em reconhecer o ganho – malgrado a distância de sua leitura, que se soma ao volume de pesquisas, até o presente, acumuladas em torno do pensamento do autor – de julgar-se Feuerbach a partir dele mesmo. Isolando as impressões geradas por Marx, Engels, ou noutros em que ecoa, brota a descoberta de um especulador original, criativo, não precisando ficar-se restrito a isso.

Em razão da necessidade de maior delimitação, devido o espaço curto disponível aqui, julgo que este mesmo encaminhamento serve para avaliar-se – reitero – a natureza do ateísmo de Feuerbach; esse, por conta da meta, que tem, de afirmar o homem, se não é passível de negação, pelo menos é suscetível de se ponderar, transformando-se em projeto que se pode, em larga medida, levar a cabo, realizar, enfim, executar.

Almejo, sem me fazer exaustivo, exercitar-me nesta minimização de seu agir ateísta, entendendo-o enquanto factível, separando tanto a argumentação negativa quanto a argumentação positiva que é produzida, em linhas gerais, por ele, no seu livro maior, e mais badalado, como à que é produzida por Karl Marx, e mesmo Engels, seu parceiro intelectual, sobre o núcleo de sua especulação filosófica, aparentemente monotemática, antes de desacreditá-lo. Criticou, é bem verdade, a religião, sobretudo àquela que alcançou um peso maior no mundo europeu, e ocidental, como é o caso do cristianismo, devido o impacto que terminou por causar, assumindo profissão atéia, se se olhar pelo lado convencional, momento em que foi unânime pelo assentimento dos autores de *A sagrada família*. Entendendo-a, no seu desfavor, quando, ao decair, se apresentou enquanto fonte da miséria, de nossa alienação, encontrada pela crítica aí entabulada, recebe a acolhida.

⁴ É lugar-comum, durante tempos, o aceite, repetido por exegetas de diferentes idiomas, de seu papel subalterno, elo, lugar de passagem, podendo encontrar seu ponto final, desde que se deseje isto: “durante años ‘há sido un pensador atrapado entre dos bloques gigantes, el uno el pensador de la teoría, Hegel, y el outro el pensador de la praxis, Marx’” (CABADA CASTRO, Manuel apud CORTAZAR, 1999, p. 9). Agora o mesmo Cabada que, embora sugira – por esta introdução, referida por Blanca Castilla y Cortazar – que se leia Feuerbach a partir dele mesmo, ainda que sua atualidade esteja garantida, sendo o homem objeto de interesse renovado, não é tão certo de seu desprendimento e originalidade; o estudo que empreende, situando-o entre aqueles que se fazem pioneiros em espanhol, é revelador disto: “Feuerbach quiso tomar en serio al hombre como punto de incidencia del todo, y sus intuiciones críticas, pese a su radicalismo y carencia de fundamentación teórica definitiva, son – en todo caso – una advertencia y un nuevo impulso” (CABADA CASTRO, M. *El humanismo premarxista de Ludwig Feuerbach*. Madrid: La Editorial Católica, 1975, p. 218).

Mas Feuerbach está para além, entretanto, da imagem dele criada por aquele que se apresenta, depois de deixar seu espectro – diríamos – só formal e iluminista, enquanto crítico maior do capitalismo à época, com sua guinada negativa radical, juntamente com Engels. Antes disso, vemo-lo reconhecer, juntamente com Engels, o mérito de *A essência do cristianismo*, publicado em 1841. Este fez de todos os hegelianos dissidentes, não conservadores no sentido moral e político, momentaneamente, costuma-se pensar, autênticos *feuerbachianos*, pois realizou – este solitário de Bruckberg – algo de fato positivo e importante que contribuía para afastar um deplorável equívoco, fundando, então, o materialismo antropológico, fonte de sua necessária unidade.

2.1.

Alfredo Llanos, de sua parte, aceita que o filósofo de Landshut responde bem às exigências de seu tempo, avançando a perspectiva anunciada por Arvon, aterrissando nas suas conhecidas traduções ao espanhol, de obras importantes de Feuerbach, naquele que se define enquanto “período humanista, [sendo este] talvez o mais brilhante de sua carreira” (LLANOS, Alfredo. “Feuerbach y su tempo” (Prólogo). In.: FEUERBACH, 1974, p. 9), situando-o entre 1839 e 1842. Os textos vertidos a seu idioma, textos deste período áureo – exceto o de 1841, intitulado *A essência do cristianismo*, tendo este ficado de fora do projeto, o qual ocupa o lugar, no entender dos intérpretes, de carro-chefe de toda produção, – apresentam “obras em que irrompiam novas ideias que, segundo Engels, entusiasmaram aos jovens hegelianos e converteram a todos em” (LLANOS, 1974, p. 9) seguidores de Feuerbach.

Confere-se uma recepção positiva até aqui, referendando o mérito e poder de criação do filósofo de Landshut, sem se precisar, sem se definir muito claramente, nem sequer o materialismo que lhe é próprio. Se há limitações em assumir-se, enquanto antropológico, esse é acolhido pela condição do progresso incipiente ou atraso do país em diversos âmbitos: Llanos comenta: “Esta deficiência não é imputável ao pensador, senão que é consequência das condições históricas em que se achava a Alemanha, à que não podia aspirar outra coisa que a uma revolução democrática burguesa” (Ib., *ibid.*).

Feuerbach ambiciona causar impacto à medida que sabe haver espaço para um registro com seu próprio selo, digamos, ante tantas repetições estabelecidas. Não por acaso, então, Llanos coloca-se na ala dos comentadores positivos, úteis, otimistas, tolerantes, resignados, face às limitações conceituais definidas, dizendo que “estudiosos de diversas tendências voltam hoje seus olhos a este pensador com o propósito de

justificar ou apoiar seus próprios pontos de vistas” (Id., p. 7). Mas, ele afasta de seu alvo sempre, entretanto, a ideia de abdicar de afirmar o que de fato pensa, mesmo administrando sua radicalidade, carregando as limitações de seu tempo:

Feuerbach não é um continuador do idealismo alemão ainda que esteja incrustrado em sua mesma problemática e mostre, com os matizes exigidos pelas circunstâncias, idêntica garra especulativa; constitui também, de igual modo, a ave de tormenta que anuncia o impacto que há de sofrer o movimento filosófico imediato carregado de obscuros presságios e não poucas esperanças (Id. p. 8).

Ora, seu primeiro trabalho propositivo mesmo, apesar de publicado anonimamente em 1830, não esconde a pretensão que mantém de romper com a cultura estabelecida, julgada retrógrada. Direcionando a atenção ao tema que tento focalizar mais especificamente, sem pensar em recuar, ainda que seu destino pessoal fique selado, com uma carreira acadêmica, cujas portas vão se fechar, consequência que não podia ser pior apenas do que viverá Marx, na década seguinte, que sequer teve oportunidade de experimentá-la, mesmo julgando-a enquanto algo importante, à época, devido o espaço estratégico que representava.⁵ Alfredo Llanos afirma:

O segredo de que rodeia a seu livro deveu de ser muito transparente, porque em pouco tempo foi expulso por ateu da cátedra que ocupava na Universidade de Erlangen, e desde então a hostilidade e o assédio não se detiveram nem ante a tumba do filósofo (Id., ibid.).

Em suma: em *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830), conforme Llanos pode destacar, reforçando a perspectiva de leitura que se alimenta aqui, revela segurar, ainda, avanços teóricos que devem aparecer depois, confirmando aquela recusa da uniformidade teórica:

⁵ O que pretendia Marx com a carreira acadêmica, a influência disto no seu doutorado, que oculta, aliás, temática hegeliana, importa saber. Marx reconhece, como Feuerbach, o peso de Hegel, seja por seu método, por sua capacidade de síntese, de apreensão do todo. Mas o “ser” antecipa-se ao “pensar”, sendo este, no caso do homem, de carne e osso. Tem-se crédito a Feuerbach, pois, quando nega o caráter abstrato das ideias, inverte-as de cabeça para baixo. Mesmo que possa pouco, cumpre papel limitado, sem alcançar os estudos religiosos, o livro abaixo, agrega, busca evitar excessos, permite reter o que é de Feuerbach, chamando a atenção sobre cuidados na leitura; sobre o perigo de acessar qualquer escrita, sem contar com suporte. Se estes são obstáculos, é certo, Flickinger inspira confiança, com seu saber notável, desdobrado aqui, no texto a consultar, ainda que vá pouco, direto, ao assunto do artigo, mostrando ser possível fazer justiça a uma escrita, mesmo que ele dê, fora do tema, pouca atenção. Confira: FLICKINGER, H. G. *Marx*; nas pistas da desmistificação filosófica do capitalismo. POA: L & PM, 1985, 103 pg.

parece já definido o hegeliano de esquerda que combatia a imortalidade pessoal da alma, segundo a defendia o dogma cristão, a fim de contrapor-lhe a imortalidade da razão e do gênero humano. Seu pensamento, que se apresentava assim com uma acentuada tonalidade materialista, exerceu uma grande influência entre os intelectuais avançados da época. Este materialismo se caracteriza, entretanto, por ser eminentemente antropológico, quer dizer, se funda no homem em geral, abstrato, desligado do conjunto das relações sociais e das leis objetivas do desenvolvimento da sociedade (Id., p. 8-9).

3.

Ainda que se possa questionar, neste momento em que nem se desvinculou de sua inclinação hegeliana, culminando com a *performance* que guarda alguma semelhança, quando leva a público seu trabalho mais importante, Feuerbach segue por impactar o público. Ora, porquê de repente este não merece mais o crédito de Marx e Engels? E aqui já nos é cobrado reparo, perpassando ajuste didático e metodológico, visando precisar o momento das rupturas a fim de se atingir, então, ganhos teóricos, convidando ao contato com os seus próprios textos.

Esse exercício objetiva mostrar que o filósofo de Landshut não alimenta negativa de uma fé em Deus e na religião, mas apenas na direção do que existe de falso e de alienante em especial no credo cristão – que é aquele que mais se dedicou a conhecer, sob o ponto de vista da realidade concreta; quanto ao que é o homem, enquanto ser de carne e osso, cujo estatuto nobre é objeto de recusa, quando vai sendo transformado, aliás, em ser desprezível, ajustando-se por completo com o sofrimento.

Não estamos aqui ante uma forma convencional e simplificada de ateísmo, porém tem-se a manifestação de uma perspectiva humanista, extrema, séria, altamente relevante, que o coloca no estado de filósofo pioneiro, em verdade, da suspeita, no quadro do século XIX; e isso bem poderia ter sido lembrado por Paul Ricouer, mesmo havendo algum déficit, do texto, no sentido da objetividade e da demonstração. De acordo com Harvey: “Houve muitos críticos a interpretar a religião na história do ocidente, mas Ricouer elevou três deles ao patamar de ‘filósofos da suspeita’: Marx, Nietzsche e Freud” (HARVEY, 1995, p. 2). Ter-se-ia a consumação de uma negligência aqui por parte de Ricouer, visto Feuerbach antecipar, segundo Harvey, a crítica religiosa, vendo-a de dentro propriamente, entendendo-a enquanto fonte de alienação, mas sem pensar em recusá-la, uma vez que reconheceu sua importância, sua fundamentalidade, conectando-a com a

essência, ao final, propriamente humana, entretanto, fazendo-a algo aberto, indefinido, ou seja, elemento para ser consumado:

Para Feuerbach, religião é a ‘alienação’ produzida quando o eu, no processo de diferenciação dos outros, faz sua própria natureza essencial outro ser objetivado. De todas as teses ateístas, como Ricoeur tem observado, seu eixo foi não apenas destruir a religião; antes, eles procuraram ‘clarear o horizonte de um mais autêntico mundo, de um novo reino da Verdade, não somente por meio de uma ‘destrutiva’ crítica, mas pela invenção de uma ‘arte da interpretação’. Consequentemente, estes viram eles mesmos em termos quase-religiosos: como profeta e evangélico, como denunciador de mistificação e mensageiro de boas Novas (Id., p. 5).

Sem tocar-se no todo do problema até aqui, serve tal ideia para alimentar o argumento de que o ateísmo de Feuerbach é mais enredado, pois a religião carrega uma tensão intrínseca podendo este representar seu segredo, assim como se preserva válida quando é entendida no seu propósito final. Francesco Tomasoni (2015), lembrando o badalado Richard Dawkins físico ateu que realiza crítica firme da crença religiosa, mas que se coloca externo a esta instituição, supondo que a ciência a torna dispensável, supérflua, considera, ao final, que “o ateísmo de Feuerbach mostra-se mais complexo” (p. 35) reivindicando a presença do saber mais elaborado para defini-lo.

Levando em conta o fato de a religião se ocupar com mistérios, e enigmas, Feuerbach reconhece, segundo o comentador italiano, a prepotência que informa a filosofia idealista e a teologia, alimentando a arrogância que é possível. Desconsiderando a necessidade de haver empenho humano para se consumarem os projetos, apesar das limitações iniciais que lhes são características, enquanto o homem, seguindo muito restrito, constitui-se no sentido germinal. Apenas pode se alargar e materializar-se em certa medida, desde que se firme realmente, superando o quadro de uma entidade abstrata e imaginária:

Ele também exorta a que voltemos à ciência em vez de esperar efeitos pela oração, mas sabe que a religião tange problemas mais profundos, existenciais, e que a ciência é circunscrita dentro de barreiras e finalidades dadas. Desse modo, o desconhecimento desses limites leva a nova arrogância. A posição de Feuerbach não corresponde à exaltação da ciência. Ela não é simples negação da religião, mas mira também à recuperação dos valores inscritos na religião. Quanto mais Feuerbach adentra na posição do cristianismo, tanto mais percebe que o homem é complexo e que não é adequadamente compreendido pela filosofia idealística (Id., *ibid.*).

3.1.

Espelham-se, ao estudar o Deus do cristianismo, as diferentes dimensões do humano que o definem, residindo o desfecho do agir nos ditames do coração, e não exatamente na razão, o qual pressupõe relação com a interioridade, com a consciência, do qual se atenuam ou intensificam-se conflitos de ordem pessoais. Ante este evoluir da pesquisa, Francesco Tomasoni (2015) afirma que Feuerbach: “encontra temas importantes para sua filosofia futura” (p. 36) sugerindo a presença da positividade e da negatividade neste quadro de objetivação do humano, estabelecido pelo processo de alienação da consciência. Ora:

a primeira parte de *Essência do cristianismo*, que trata ‘a religião no seu acordo com a essência do homem’, é muito mais desenvolvida do que a segunda parte, que é negativa e trata da religião na sua contradição com a essência do homem. Ela será também objeto de importantes revisões nas sucessivas edições da obra do pensador (Id., ibid.).

importando registrar que estas existem, assegurando a complexidade do objeto em questão, complexidade esta que não deverá se esgotar, aliás, neste escrito.

O italiano Tomasoni (2015) fecha, no cume de seu raciocínio, lembrando a simpatia e adesão de um teólogo contemporâneo – Karl Barth – que teria sido seduzido por esta dialética, introduzida pelo discurso feuerbachiano, assumindo-a, fazendo-se, para ele, espécie de força arrebatadora, algo que é reconhecido no âmbito, por exemplo, da moderna teologia:

A distância e a diferença entre a atitude de Feuerbach e a de recentes ateístas são enormes. Estes são convictos de que hoje, após Darwin e as invenções técnicas, a religião mostrou-se totalmente supérflua ou nociva. Pelo contrário, Feuerbach sabia que o homem é muito mais complexo do que o conceitua a ciência natural e que a religião é profundamente ciente disso. Ele examina os mistérios do cristianismo buscando neles profundas verdades. Assim, ‘a encarnação foi uma lágrima da compaixão divina’ sobre a miséria humana. Não é por acaso que Feuerbach proclama sua nova filosofia após *Essência do cristianismo*, nas *Teses para a reforma da filosofia*. O teólogo Karl Barth admirou a obra de Feuerbach e viu nela o fruto de um amor infeliz. Ele reconheceu seu olhar agudo e afirmou que a teologia moderna tinha de passar através do fogo da sua crítica (Id., p. 36-37).

É natural que esta necessidade de reforma da filosofia e sua definição resultem deste percurso levado à ruptura no qual se identifica o caráter desfibrado, abstrato, teórico, intelectualista, de uma época dominada pelo formalismo da tradição e a pouca força manifesta no seu esgotamento pela divindade teologizada. O que

representam estas *Teses provisórias*, assim como os *Princípios da filosofia do futuro*, ambos, respectivamente, de 1842 e 1843? Tendo o caminho aberto um ano após seu maior livro gerar forte impacto? Voltemos, aqui, ao registro de Henri Arvon (1964), escutando-o, na sua síntese: “esboço de um universo sensualista e altruísta, sensualista porque o pensamento repousa sobre a apreensão do real pelos sentidos, altruísta porque o homem está localizado em relação aos outros” (p. 49).

Parece claro, seguindo esta orientação, que não tem sentido em simplificar o pensamento religioso de Feuerbach, julgando-o enquanto ateu inveterado. Sendo isso tomado no sentido comum, uma vez que seu intento é centrado em considerar a cultura que leva em consideração o homem de fato, sem abandoná-lo à prática da negação da vida, da força, da saúde, da afirmação propriamente dita. Assim como atua o credo que só o penaliza sem o tratar com dignidade, não abre espaço para se desenvolver e construir sua história. Sabendo da complexidade que é o homem, reducionismo para Feuerbach estaria no leitor não captar o eixo maior de seu problema, vendo-o enquanto ateu no sentido tradicional.

Eis a passagem, muito visitada do “prólogo” à primeira edição, do vol. 2, das *Obras Completas* de Feuerbach saído em 1846, buscando cumprir este propósito ilustrativo, distante de qualquer termo final. Movo-me no interesse de ser minimamente útil, diante de tanto vacilo que acontece neste âmbito exegético, tocado quase sempre pela presunção dos leitores desatentos, retidos no âmbito, se podemos, quiçá, julgar, simplista, denunciado pelas leituras, reincidentes, de análises falhas e reiteradas. Faço-o para melhor cumprir a meta definida enquanto exemplo, propósito ilustrativo, aqui conservado, manifestando-a, longe de imaginar ser este o ponto de fechamento definitivo da questão, ao me preocupar com essa utilidade mínima, destacando a prioridade dada ao homem:

Quem não sabe dizer de mim senão que sou ateu não sabe nada de mim. A questão de se Deus existe ou não, a contraposição entre teísmo e ateísmo pertence aos séculos XVII e XVIII. Eu nego a Deus. Isto quer dizer em meu caso: eu nego a negação do homem. Em vez de uma posição ilusória, fantástica, celestial do homem, que na vida real se converte necessariamente em negação do homem, eu proponho a posição sensível, real e, portanto, necessariamente política e social do homem. A questão sobre o ser ou não ser Deus é em meu caso unicamente a questão sobre o ser ou não ser do homem (FEUERBACH apud ARRAYÁS, 1993, p. XXXI).

Ao ler Feuerbach, argui Blanca Castilla y Cortazar (1999): “em tão breve parágrafo se condensa de forma expressa o testemunho da prioridade do humanismo em

seu pensamento” (p. 13). O problema todo surgiu condensado, porém, na página anterior de seu estudo: “o ateísmo é premissa e consequência do que a ele importa: o homem” (Id., p.12).⁶

4.

Semelhante perspectiva negativa, que facilita a imposição deste rótulo, servindo a carapuça de ateu, sendo questão controversa, na filosofia de Feuerbach, mas que vale, mesmo assim, amenizar, estreitando esta repulsa gerada em certo grau, porque isto sim é passível de se fazer – entendendo ser mesmo o correto – conservando-se, em resumo, a dicotomia, alimentada por um impasse: de um lado, pois, aparece movida pela natureza do problema, justificando não poder deixar de ser ateu absolutamente; mas, de outro, não se trata de uma conclusão que é de todo correta, verdadeira, legítima. Ou seja – se se deseja – este ateísmo é só relativo, não se equiparando com o “ateísmo clássico”!

E o que ganha corpo é esta sobreposição humanística real, mas em permanente construção, tendo o timbre de uma unidade estabelecida pelo plano da natureza e no ritmo por este prescrito, com um homem que não funciona mecanicamente; que: ama, deseja, erra, acerta, enfim, é dependente do ato de viver, da experiência, e do outro, para produzir sua essência ou mesmo até conhecê-la efetivamente, preferindo a vida à que o mergulho na mais profunda dor!

É ponto pacífico que poderia reunir a colaboração de Friedrich Engels, neste projeto, ao estabelecer sua escrita visando homenageá-lo, mas carrega seus preconceitos, transportando também, sem se importar muito, seus contrapesos visíveis. Esse, perto do final de seus dias, conforme narra na “nota preliminar”, para a edição de 1888, do texto que pretendia escrever em versão atualizada, imposta pela necessidade, destaca que havia certa dívida para com Feuerbach, este visto, em separado, por ele mesmo. Essa ideia se reforçou ao retomar o contato com o propósito de a *Ideologia alemã* que ainda não havia sido publicada, acontecendo só recentemente, no século XX, e que escrevera com Marx

⁶ “Feuerbach [conserva] prioritario interés por el hombre. Sin embargo, su afirmación del hombre aparece intrinsecamente unida a outro postulado: la negación de Dios. Esto no es un dato irrelevante pues, entre otras cosas, es fuente de no pocos problemas para el desarrollo de la antropología filosófica. En efecto, el ateísmo [...] no se presenta como una simple negación de Dios, sino que plantea esa negación como el único modo de dar una respuesta al problema del hombre. Y es en este plano donde el pensamiento de Feuerbach alcanza una importancia de dramática intensidad” (CASTILLA Y CORTAZAR, 1999, p. 12).

em Bruxelas, na Bélgica, entre 1845-6, numa espécie de exílio intelectual; por força das “novas circunstâncias imprevistas” no espaço onde haveria de ser impressa inicialmente, tiveram de esperar o momento propício, encontrando neles o entendimento disto, mesmo com a surpresa, porque o papel à que se destinava havia sido cumprido, que era abandonarem de vez, segundo eles, a consciência filosófica anterior, fundada em fontes idealísticas, abstratas, enfim, hegelianas, dispendo-se a fecharem esse ciclo assentado, como Feuerbach, na positividade. Engels sentencia, então, na aludida “nota preliminar”, reportando aos destinos do manuscrito de *A ideologia alemã*, relevante para a saúde do pensamento: “entregamos o manuscrito à crítica roedora dos ratos, de muito bom grado, pois nosso objetivo principal – esclarecer nossas próprias ideias – já fora atingido” (“nota preliminar” in. ENGELS, 2016, p. 13); com o que se imprime uma espécie de consolidação das fontes iniciais, no princípio, pelo pensamento hegemônico, à época, próximo ao iluminismo, mas agora com um nível maior de dissonância ante os alicerces materialistas de suas ideias articuladas.

5.

O desejo simples de homenagear Feuerbach, nutrido pelo parceiro intelectual de Marx, com a retomada do material produzido da década de quarenta, ganhou esta ambiguidade maior, pois despertou o senso de compromisso dele com toda uma vivência cuja diferença – com o que seria um trabalho estritamente teórico – se sabe que existe possuindo um poder maior de contágio. No movimento de recuperação da memória deles, da lembrança da publicação de *A essência do cristianismo*, por Feuerbach, em 1841, neste momento triunfal dos jovens hegelianos, avesso ao pensar abstrato, a inércia, reacionária e conservadora, se fizeram, todos, adeptos momentaneamente de Feuerbach, testemunha Engels; aqui, sem poderem suspeitar das tantas limitações ainda, que lhe são, de fato, próprias.

Pois este se beneficiou, encontrando ocasião adequada, atendendo demanda estabelecida pela revista *Die Neue Zeit* [Tempos novos] que solicitou a impressão, o juízo crítico, que tivera sobre o livro de Starcke, tratando das ideias de Feuerbach, disseminadas pelo trabalho que publicara, em 1885, sobre o autor. Recorto passagem do ensaio de Engels, contando com palavras valiosas, para o propósito, advindas da referida retomada, falando do impasse entre os “jovens hegelianos”, neutralizado, desfeito, pela *Essência do cristianismo*, que removeu a polaridade, a contradição, sem meta final, inútil, para persistir naquela ocasião, trazendo a alegria de quem apreciou este acontecimento:

[...] a grande maioria dos jovens hegelianos mais combativos, levados pela necessidade prática de lutar contra a religião positiva, tiveram que se voltar para o materialismo anglo-francês. E, ao chegar aqui, viram-se envoltos num conflito com o sistema de sua escola [...].

Foi então que apareceu *A essência do Cristianismo* de Feuerbach. De repente, essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. [...] Quebrara-se o encantamento: o ‘sistema’ explodia em pedaços e era posto de lado – e a contradição ficava resolvida, pois existia apenas na imaginação. Só tendo vivido, em si mesmo, a força libertadora desse livro, é que se pode fazer uma ideia do que significou. O entusiasmo foi geral – e momentaneamente todos nós nos transformamos em ‘feuerbachianos’. Com que entusiasmo Marx saudou a nova concepção e até que ponto se deixou influenciar por ela – apesar de todas as suas reservas críticas – pode ser visto em *A Sagrada Família*.⁷ [...]

Os próprios defeitos do livro contribuíram para seu sucesso momentâneo. O estilo ameno e às vezes mesmo empolado em certos trechos, assegurou-lhe um público maior e constituiu incontestavelmente um alívio, após tantos anos de hegelomania abstrata e abstrusa. [...]

Feuerbach quebrou o sistema e o pôs simplesmente de lado. Para liquidar uma filosofia não basta, porém, proclamar pura e simplesmente que ela é falsa. E não se podia eliminar uma obra tão gigantesca como a filosofia de Hegel, que exercera tão vasta influência sobre o desenvolvimento espiritual da Nação, pelo simples fato de fazer caso omisso dela. Era necessário ‘superá-la’, de acordo com seus próprios postulados – isto é: destruindo criticamente sua forma, mas conservando o novo conteúdo adquirido por ela. (ENGELS, 2016, p. 26-28).⁸

Antes da última frase, Engels deixa as seguintes páginas – que são próximo de 40, divididas em mais duas sessões, para se ocupar com o que é indicado. Fechando por aqui, todavia, é útil escrever as últimas linhas, desta presente sessão, já que o objetivo é mapear quando Feuerbach deixa de ser acolhido pelos jovens combativos, tomando

⁷ Escrito por Marx e Engels e publicada em Frankfurt em 1845, possuindo traduções em vários idiomas e edições atualmente.

⁸ Peter Singer, comentando Hegel, parece acertar ao inserir Feuerbach no conjunto da cultura: “*A Essência do cristianismo* [...] retratou toda a religião tradicional como uma projeção feita pelo homem de seus próprios atributos em outra esfera. Esta foi, assim, a primeira tentativa moderna de desenvolver uma psicologia da crença religiosa. Traduzido para o inglês por Marion Evans, o livro teve um impacto no mundo todo, numa época em que os próprios escritos de Hegel eram pouco conhecidos fora da Alemanha” (SINGER, 2012, p. 114-115). A representatividade da posição de Feuerbach foi grande: “Alguns anos depois da morte de Hegel, mas antes que Schelling começasse a proferir palestras em Berlim, Strauss publicou *A vida de Jesus* (1835), que rejeitou a interpretação literal e advogou a leitura de textos religiosos como expressões mitológicas da autocompreensão humana. Feuerbach desenvolveu e modificou esta abordagem antropológica à religião, argumentando na *Essência do cristianismo* (1841) que os mitos religiosos distorcem mais do que expressam a verdade, e que estas distorções são fundamentalmente perniciosas. Feuerbach tinha uma influência direta e importante em Karl Marx (1818-1883), que declarou de forma célebre dois anos após que ‘a religião [...] é o ópio do povo’, um meio de desviar os seres humanos de sua opressão econômica e política” (DUDLEY, 2013, p. 272).

forma este conceito de recusa, que faz dele, desde então, um réles burguês, ou mesmo, teórico, abstrato, que tergiversa no uso da crítica, fazendo-se pouco radical.

Eis que “nesse interim” (Id., p. 28), ou seja, após Feuerbach introduzir a diferença, afastando-se de Hegel, Marx & Engels estarem em Bruxelas, na Bélgica, escreverem o manuscrito, não publicado ainda, de *A Ideologia alemã*, Marx redigir os Manuscritos de Paris (1844), aparecerem as 11 teses sobre Feuerbach, no ano seguinte, apesar de tais textos não terem sido impressos ali, a alteração no modo de pensar se estabeleceu, neste curso dos acontecimentos, se encerrando, no mínimo, com o fato político-chave, impactante em face dos destinos da filosofia, conforme o ensaio recuperado, de Engels, no fecho da presente sessão: “veio a revolução de 1848 e pôs de lado toda a filosofia, com a mesma desenvoltura com que Feuerbach pusera de lado seu Hegel. E, com isso, o próprio Feuerbach passou a segundo plano” (id., ibd.).

Nos três anos anteriores a este evento, portanto, é que se processa toda essa mudança de olhar frente ao trabalho de Feuerbach, que antes se mostra objeto muito mais de reverência, sem ser considerado que esteja fazendo apenas um giro preliminar de algo mais profundo, que ganhará uma conotação política.⁹

5.1.

Collin (2008) realiza um estudo esclarecedor, indicando a importância de ir-se a Feuerbach no ponto de partida, na ruptura com o idealismo hegeliano e também sobre o porquê Marx se faz um crítico ferrenho do caráter pouco revolucionário do filósofo de Landshut quando continua, segundo ele, metafísico, idealista, e conservador da tradição, ao propor substituir Deus pelo homem, com H maiúsculo. Veja-se como é importante a escrita não atropelar os passos. Esse trabalho de Collin (2008) vai contribuir com o avanço em Feuerbach se o leitor, que por ele se interessar, puder construir esta inexorável ponderação. Mais fácil estimular o preconceito e desinteresse se a questão que o move é quanto ao poder de influência que a filosofia haveria de carregar para mudar o

⁹ Discordaria dessa ideia, da perspectiva marxiana, acerca do que Feuerbach pensaria sobre a crítica religiosa; seu papel não está terminado com esta crítica, pois este nunca se processa completamente devido à complexidade que é o ser humano: “Compreendemos que, para Feuerbach, a religião em seu significado antropológico se manifesta como momento necessário no processo de conscientização humana, enquanto expressão dos desejos e potencialidades humanas. Pois a religião somente é possível no ser humano, e, através dela, ele toma consciência de sua própria infinitude enquanto ser genérico. É pela reflexão conscientizadora que o homem poderá libertar-se da ilusão alienante da religião” (HAHN, 2003, p. 169). Essa leitura sugere não resolver o problema; fazendo convergir a questão do estudo da religião, ou do homem, não seria o bastante. Precisaríamos ter a compreensão de que vivemos em uma sociedade de classes e que existe as relações de trabalho, que se baseiam na exploração da mão-de-obra. Feuerbach, por seu turno, quer criar uma unidade por outra via.

mundo. O leitor pode conferir, caso desejar, se chega às mesmas conclusões, tidas por mim, vendo diretamente o texto deste autor nas páginas 107 e seguintes.

Fato é que se precisa ter cuidado com aqueles pontos da recepção de Feuerbach, feitas por Marx, que não o traduzem integralmente, levando-o ao erro, alimentando a formação de um preconceito desnecessário. Atento a isso, Mondolfo (1960) comenta que “para bem compreender Marx é necessário, pois, ter compreendido corretamente Feuerbach” (p. 16) de quem se faz um devedor na sua síntese humanística e de crítica social e política, mas antes religiosa.

Ora, o italiano, originariamente, Rodolfo Mondolfo afirma, porém, que “o pensamento de Feuerbach não está apresentado no seu real e genuíno conteúdo e significado” (Id., p. 15) nas 11 teses sobre Feuerbach, pois este não se caracteriza por ser “a antítese [exata] da posição [deste]” (Id., p. 16).

Este aspecto relativo à proximidade e ruptura entre Feuerbach e Marx é algo importante aqui em nosso trabalho, sendo que possíveis críticas de Engels a Feuerbach não a isolam. Conforme a argumentação de Costa (2001):

Os primeiros momentos fortes do pensamento filosófico de Marx se dão provavelmente por volta de 1841, quando se encontra com a filosofia de Feuerbach. Este encontro [...] não foi acidental, como se sabe. Feuerbach foi um dos primeiros da esquerda hegeliana a fazer uma crítica demolidora do sistema filosófico de Hegel. Esta crítica ao hegelianismo era um contraponto, com seu ‘materialismo antropológico’, ao idealismo que estava sendo desbaratado (p. 83).

333

Fundamental entender que:

as reflexões teóricas de Marx, entre 1842 e 1845, estão impregnadas da filosofia feuerbachiana. Por exemplo, os textos: *A questão judaica*, *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, *a Sagrada família*, somente são inteligíveis no contexto do pensamento influenciador de Feuerbach” (Id., p. 95).

Quanto às ideias críticas de Marx, notadamente, elas se estabelecem em 1845, configurando, portanto, um momento inicial efetivo de recusa mesmo, de ruptura:

As célebres Teses contra Feuerbach constituem um texto que, por si só, deixa claro a crítica marxiana ao materialismo abstrato e prenuncia a ruptura com Feuerbach. Como jovem hegeliano, Marx está convencido de que a história

caminha para o reino da liberdade e da razão. Aderira a Feuerbach por este apontar a alienação religiosa do homem (Id, p. 96).¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem nos dedicarmos ao estudo do ensaio de Engels, parece claro ser válido indicar alguns elementos prós e contras que tiram a oportunidade do texto representar algo somente positivo no trabalho de história do pensamento, de fidelidade à memória sem mascarar-la. Esclarecendo porquê tem de ser lido com atenção no quesito ser justo para com Feuerbach, afasta o descuido ou despreocupação muito presente na fala ou na leitura, na escrita, que não está pesando o prejuízo que pode resultar sua locução no desinteresse, e na pressa. Em face do autor ou escritor que quer, que deseja, motivar a ampliação da audiência, visando prestigiá-lo, tal como o é, aliás, de direito, o mesmo pode dar a ser pensado no seu real sentido, forma de se render homenagem a um autor importante, concedendo e prestando o aceite que lhe é exigido.

A perplexidade devido a mudança de entendimento sobre a filosofia de Feuerbach, revelada por parte de Marx & Engels, da noite para o dia, sobretudo ao leigo, acompanhada de certo titubear, dada oscilação, do filósofo, ante o pensamento sistemático, abstrato, e idealista de Hegel, assim como a pecha de autor menor que recai, às vezes, sobre ele, mesmo que se faça pai do “materialismo antropológico”, tornando-o diferenciado, entre os jovens hegelianos, é o que nos leva a compreender que teríamos razões, de sobra, para tentar buscar estudá-lo, por ele mesmo, visando saber, então, se são procedentes tais ideias críticas e condenatórias, que impulsionam a formulação, finalmente, da presente hipótese de trabalho.

O elemento de originalidade tem condições de ser apreendido neste esforço e preservado, assim como a própria revisão do sentido de sua crítica religiosa e de seu ateísmo, que se tornou o centro maior de nosso interesse aqui.

Definidamente, preconceito e escuta externa ao autor é algo que o torna um ateu inveterado, algo passível de se tentar amenizar – e é o que se busca fazer – indo ao encontro de seu texto e do sentido que este carrega, único elemento que justifica o

¹⁰ Marx sofre, como ninguém, o mesmo tipo de prejuízo que causa a Feuerbach com o acréscimo do crédito dado a seus leitores apressados; veja-se que a própria tradução do escrito, de Marx, já traz um problema, pois não seria “contra”, e sim “sobre” Feuerbach. Todavia: “derrière ce Marx ‘idéologique’ se trouve pourtant un grand théoricien qu’il faut redécouvrir [...]. Trente ans après la fin des expériences de socialisme réel, il semble enfin possible de jeter un regard plus impartial sur Marx” (HEIDENREICH & SCHAAL, 2012, p. 208).

interesse da leitura talvez carcomida pelo tempo, e com uma visão supostamente questionável, por parte do leigo disponível a meditação hoje, fazendo-a presencial, atualizada, devido a efervescência e importância do tema, a fim de ser objeto de consideração.

Apoiando as exegeses, mas amparado no texto – de Feuerbach – infunde-se ao solitário de Bruckberg o ateísmo, no sentido que o temos agora, contanto que se relacione à recusa absoluta do homem, pois a prioridade esteve em trazer sua afirmação histórica, social, física, psicológica, sensível, mantendo-o enquanto indivíduo, reconhecendo-o como ser genérico, coletivo, abstrato, mas presente, em primeiro lugar, enquanto homem, que se assume sensivelmente, corporalmente, objetivado, digno do que lhe é próprio.

Não se trata, ainda assim, de algo simples – opina Serrão (2003) – pois se entendeu que o “homem integral” que está sendo reivindicado representa um “critério” de certa forma “para medir-se” a realidade diagnosticada e a possibilidade, enquanto projeto, sempre em curso, de algo a ser, efetivamente, alcançado, implicando trabalho, empenho, longe de envolver mágica, ficção, mas contando com um universo em aberto, exigindo compreender que não há algo pronto, acabado, mas podendo-se buscar dentro das possibilidades criadas concretamente, malgrado angústias, contradições, erros, acertos, que devem marcar presença.

Agora cabe a Alfred Schimidt (1975) ser lembrado, no seu otimismo, quando comenta: “quem sabe nosso presente pós-teísta logre assimilar a pretensão inteira – que historicamente há, todavia que resgatar – do pensamento de Feuerbach de que a religião é em essência ‘a fé do homem na infinitude e verdade de seu próprio ser’” (p. 231-232).

Tomasoni (2015) se refere a peculiar “fratura” que tais ideias representaram no pensar contemporâneo, no campo da discussão filosófica, envolvendo crítica à religião, à teologia, fazendo-o mais complexo, diga-se de passagem, no tangente ao ateísmo, sendo até impróprio chamá-lo ateu, valendo-o considerá-lo, perpassando seu estudo, no qual rebate até que a crítica toda da religião pudesse estar encerrada, como sustentaram, ao final, nossos materialistas dialéticos. A posição de Feuerbach não os referenda, portanto, pois:

Não é simples negação da religião, mas mira também à recuperação dos valores inscritos na religião. Quanto mais Feuerbach adentra na posição do Cristianismo, tanto mais percebe que o homem é complexo e que não é

adequadamente compreendido pela filosofia idealista (TOMASONI, 2015, p. 22 e 35).

Não passa despercebido hoje, em síntese, dado o caráter dos problemas teóricos que enfrenta, estando situado na modernidade filosófica, fazendo-os pioneiros no curso de uma importante abordagem que ultrapassa o campo ideológico. Vale dizer que não escapa de tratar o tema filosófico que aparece desde a origem, trazendo curiosidade em torno de seu livro maior, dizendo-se, finalmente, com Osier: “é necessário ler *A essência do cristianismo*” (OSIER, J-P. Apresentação. In.: FEUERBACH, 2011, p. 9), mantendo o cuidado diante do cometimento de exageros, o qual nos convida buscar entender que a opção pelo homem, em detrimento de Deus, representa um caminho que, ao criar uma situação dramática, não almeja pensar, decididamente, uma vida sem religião. Mas sim chamar o coração, a razão, e a vontade, para anunciar outro norte viabilizando a carecida unidade humana.¹¹

Quer dizer, a essência humana que se constrói, dia após dia, para participar da vida concreta de cada homem, podendo ecoar, repercutir, em muitas escritas atuais de matizes variados, diversos, mas dissociada, apartada, da tradição, contemporaneamente, conectando pensar e viver. Sem estar de todo marginalizado, nesta altura, conforme Osier, o filósofo de Landshut é:

a raiz (ou o tronco) de uma árvore genealógica de braços [...] diversos que não existe quase ninguém, filósofo ao menos, que não seja mais ou menos seu descendente; Marx por certo, Nietzsche também, mas também os teólogos ‘modernos’ (Barth, Bultmann), sem falar certos marxistas. Essas filiações diversas fazem, portanto, de Feuerbach um lugar central de nossa consciência filosófica, boa ou má, talvez de nossa inconsciência (Id., ibd.).

Isso não tem o significado vazio, neutro, não implica facilidade para contornar-se qualquer preconceito que se cria em torno de seu ateísmo, sua posição

¹¹ Há o caráter positivo e necessário da experiência religiosa que se alimenta de sonhos e desejos. Rubem Alves comenta: “O sentido da vida não é um fato [...]. A expressão religiosa [...] se nutre de horizontes utópicos que os olhos não viram e que só podem ser contemplados pela magia da imaginação [...]. A vida é bela, mas não há certezas” (ALVES, 1981, p. 128). Hahn afirma que: “Feuerbach não condena o fato religioso, nem o direito à existência desse mundo irracional, dessa vida do desejo que, não encontrando na realidade as satisfações a que aspira, procura-as no sonho, na ficção, no maravilhoso, na esperança. Pois, na concepção feuerbachiana, nada mais natural nem mais humano do que uma tal atitude, desde que seja verdadeiramente espontânea, que resulte de um desejo sincero do coração humano. Feuerbach contesta simplesmente a religião o direito de se apresentar como sendo a ‘verdade’. Mais precisamente, não critica a religião enquanto necessidade eterna do coração humano, e sim critica a teologia, construção intelectual que se dedica a racionalizar esse irracional” (HAHN, 2003, p. 170).

materialista, enfim, seu furor por entender o valor do humano, este seu propósito maior.¹² Levá-lo a se negar enquanto ateu irresolutamente, visto poder cultivar-se, como homem, lhe cabe encontrar sentido mesmo é no sentimento de amor, na sabedoria, na justiça, não assumindo algo, assim, gratuitamente, senão enquanto homem com toda clareza possível que isso possa implicar, com o reforço da crítica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. 3 ed. SP: Brasiliense, 1981.
- ARVON, Henri. **Ludwig Feuerbach ou La transformation du sacré**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- ARVON, Henri. **Feuerbach**; sa vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- BARATA-MOURA, J & MARQUES, V.S. (org.). **Pensar Feuerbach** – Colóquio Comemorativo dos 150 anos da publicação de Essência do Cristianismo (1841-1991). Lisboa: Colibri, 1993.
- BECKENKAMP, J. **Seis modernos**. Pelotas, RS: Editora e Gráfica Universitária. 2005.
- CABADA CASTRO, Manuel. **El humanismo premarxista de Ludwig Feuerbach**. Madrid; La Editorial Católica, 1975.
- CASTILLA Y CORTÁZAR, Blanca. **La antropología de Feuerbach y sus claves**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1999.
- COLLIN, Denis. **Comprender Marx**. Trad. de Jaime Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COSTA, José André da. **Dialética**; um acerto de contas de Marx com Hegel. Passo Fundo, RS: Berthier, 2001.
- DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Trad. de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. São Paulo: Edições ISKRA, 2016.
- FEUERBACH, Ludwig. **Manifestes philosophiques** – Textes choisis (1839-1845). Traduit de l'Allemand par Louis Althusser. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

¹² “Em resumo, a profunda intuição de Feuerbach o faz superar os inconvenientes do idealismo, reivindicando a profunda unidade do ser humano e a importância da corporalidade, a sensibilidade e a sexualidade. O contar com dados teológicos o reporta a vantagem de encontrar neles inspiração para aprofundar na antropologia como o demonstra seu descobrimento do princípio dialógico. Mas a secularização da teologia que utiliza, ao esconder está a disjunção do ateísmo, faz desaparecer a Deus do horizonte humano. O homem termina sem raízes e a profunda intuição da superioridade humana sobre o resto da vida do cosmos se desvanece” (CASTILLA Y CORTÁZAR, 1999, p. 96-97).

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Trad. de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

FEUERBACH, Ludwig. **Escritos en torno a La esencia del cristianismo**. Estúdio preliminar, trad. y notas de Luiz Miguel Arroyo Arrayás. Madrid: Editorial Tecnos, 1993.

FEUERBACH, Ludwig. **La esencia de la religión**. Trad. de Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Página de Espumas, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. **Pour une réforme de la philosophie**. Trad. de Yannis Constantinidès. Clamecy: Mille et Une Nuits, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. **L'essence du christianisme**. Trad. de Jean-Pierre Osier. Paris: Gallimard, 2011.

FOLSCHEID, Dominique. **Les grandes philosophies**. 6 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

HAHN, Paulo. **Consciência e emancipação** – uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2003.

HARVEY, Van A. **Feuerbach and the Interpretation of Religion**. Cambridge: University Press, 1995.

HEIDENREICH, F & SCHAAL, G. S. **Introduction à la philosophie politique**. Trad de l'allemand par Claire Saillour. Paris: CNRS, 2012.

HEINE, Heinrich. **Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha**. Trad. e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

LÖWITH, Karl. **De Hegel à Nietzsche**. Trad. de Rémi Laureillard. Paris: Éditions Gallimard, 1969.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Trad. de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Trad. de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MONDOLFO, Rodolfo. **Estudos sobre Marx; históricos-críticos**. Trad. de Expedito Alves Dantas. SP: Editora Mestre Jou, 1960.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia; tensões e convergências de uma busca comum**. Trad. de Nélio Schneider. SP: Paulinas, 2008.

PHILIPPE Sabot (éd.) **Héritages de Feuerbach**. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2008.

PHILONENKO, Alexis. **La jeunesse de Feuerbach 1828-1841**. Introduction a ses positions fondamentales. Paris: Vrin, 1990, Tomo I e II.

REDYSON, Deyve; CHAGAS, Eduardo Ferreira (org.). **Ludwig Feuerbach; filosofia, religião e natureza**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.

REVISTA FILOSOFIA POLÍTICA, Dept. de Fil., IFCH/UFRGS/editor, Denis L. Rosenfield., Série III, n. 3 (“**Hegel, a moralidade e a religião**”), RJ: Jorge Zahar Editor, 2002 (número especial).

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. de Arnaldo do Espírito Santos et alii. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001.

SCHMIDT, Alfred. **Feuerbach o la sensualidad emancipada**. Trad. de Julio Carabaña. Madrid: Taurus, 1975.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Pensar a sensibilidade**; Baumgarten; Kant; Feuerbach. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.

SINGER, Peter. **Hegel**. Trad. de Luciana Pudenzi. 2 ed. SP: Loyola, 2012.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Porto Alegre; Edipucrs, 1993.

TOMASONI, Francesco. **Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo**. SP: Loyola, 2015.

WEISCHEDEL, Wilhelm. **A escada dos fundos da filosofia**; a vida cotidiana e o pensamento de 34 grandes filósofos. 5 ed. Trad. de Edson Dognaldo Gil. São Paulo: Editora Angra, 2006.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. SP: Paulinas, 1991.